



ANAIS do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Eldorado SP, 15-19 de julho de 2015 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/33cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

CHAGAS, A.U.M; MELADO, S.C.. A atividade “Espeleo-mirim” sob o olhar da Psicologia: uma oportunidade de troca de experiência na caverna entre crianças e espeleólogos. In: RASTEIRO, M.A.; SALLUN FILHO, W. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 33, 2015. Eldorado. *Anais...* Campinas: SBE, 2015. p.181-190. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais33cbe/33cbe_181-190.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.
Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

A ATIVIDADE “ESPELEO-MIRIM” SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA: UMA OPORTUNIDADE DE TROCA DE EXPERIÊNCIA NA CAVERNA ENTRE CRIANÇAS E ESPELEÓLOGOS

*THE “ESPELEO-MIRIM” ACTIVITY UNDER THE PSYCHOLOGY POINT OF VIEW: AN OPPORTUNITY
FOR EXCHANGE OF EXPERIENCES IN THE CAVES AMONG CHILDREN AND SPELEOLOGISTS*

Alice Uzêda Mascarenhas CHAGAS; Salomão de Carvalho MELADO

Grupo de Espeleologia Guano Speleo, Belo Horizonte MG.

Contatos: aliceumchagas@gmail.com; salomaomelado@yahoo.com.br.

Resumo

O presente artigo objetiva demonstrar, sob a perspectiva da Psicologia, o aproveitamento da atividade lúdica na caverna por crianças que foram levadas a essa experiência por espeleólogos de seu círculo de confiança. A percepção da atividade de campo sob o olhar tanto das crianças quanto de seus pares espeleólogos foi desenvolvida neste artigo tendo como base a Psicologia Social, através da teoria de campo de Kurt Lewin e da teoria da Gestalt de Frederick Perls e, por fim, a teoria de desenvolvimento infantil de Jean Piaget. Como resultado, percebeu-se a motivação das crianças através do grande envolvimento com a atividade proposta sob a inspiração de seus pares. O prazer dos adultos na realização da atividade foi transmitido às crianças e as consequências puderam ser validadas através dos relatos positivos dos espeleólogos que descreveram a experiência. A conclusão a que se chega é de que atividades com público infantil para divulgação da espeleologia, promoção de conscientização ambiental e conservação do patrimônio são necessárias e demandam planejamento para que possam alcançar o objetivo proposto.

Palavras-Chave: Crianças; Caverna; Percepção; Espeleólogos; Atividade lúdica.

Abstract

This article aims to demonstrate, under the Psychology perspective, the use of ludic activities in caves, with children who were brought to this experience by speleologists of their circle of trust. The perception of field activity under the eye of both children and their speleologist companions was addressed in this article based on Social Psychology, by Kurt Lewin's field theory, Gestalt theory by Frederick Perls, and finally, the child development theory Jean Piaget. As a result, the motivation of children was noticed through the great involvement with the proposed activity under the inspiration of their pairs. The pleasure of adults in performing the activity was transmitted to the children and the consequences could be validated through positive reports of cavers who described the experience. The conclusion is that activities with children to disclosure of speleology, promoting environmental awareness and heritage conservation, are necessary and require planning in order to achieve the proposed objective.

Key-words: Children; Cave; Perception; Speleologists; Ludic activities.

1. INTRODUÇÃO

A atividade denominada “Espeleo-mirim” foi planejada para que o grupo *Guano Speleo* promovesse um dia de campo com crianças de seu círculo particular. A saída rotineira para o campo realizada pelo espeleólogo chama a atenção da criança que presencia a cena, uma vez que desperta a curiosidade com o equipamento levado para a caverna e, inevitavelmente, surgem perguntas a respeito da atividade. Membros de um grupo de espeleologia realizam campo como atividade de lazer, fato que se torna também atraente para a criança, dado o prazer observado por ela no adulto de referência. Portanto, para estas crianças, o

convite à participação no universo da espeleologia inicia-se anteriormente à sua efetiva participação no “Espeleo-mirim”, pois existe uma curiosidade prévia e uma vontade em participar do campo com pais, irmãos, tios ou amigos.

Diante da observação de espeleólogos no comportamento, curiosidade e interesse da criança na atividade de campo, surgiu a ideia de promover a prática da caverna para estas crianças. As crianças poderiam vivenciar a caverna sob o olhar e experiência de pessoas que possuem paixão pela atividade. Alguns espeleólogos a escolheram como profissão, outros apenas como lazer. A expectativa das crianças com a caverna, juntamente com a

oportunidade de vivenciá-la com pessoas de significativa referência apaixonadas pela espeleologia, contribuíram com o grande aproveitamento e satisfação das crianças na atividade.

O estudo da relação existente entre afetividade e aprendizagem não é recente na área da educação:

Inúmeras pesquisas confirmam a importância da dimensão afetiva para a aprendizagem cognitiva dos alunos em sala de aula (Côté, 2002; Peretti, 1994; Saint-Laurent, Giasson, Royer, 1990; Rodríguez, Plax, Kearney, 1996). O discurso oficial também sinaliza a necessidade da articulação entre o domínio cognitivo e o afetivo – Brasil, 1997, 1999, 2000 – (RIBEIRO, JUTRAS, LOUIS, 2005).

Porém, além da influência do afeto na aprendizagem, tema bastante pesquisado, insere-se a relação de confiança significativa e representativa entre crianças e espeleólogos em uma atividade lúdica promovida pelo *Guano Speleo*.

Este artigo pretende demonstrar, sob o viés da Psicologia, argumentos para uma prática com crianças que desperte maior interesse pela espeleologia. O artigo tem como base a Psicologia Social, representada por três teóricos para analisar a interação entre homens, crianças e ambiente. Portanto, para esta análise, serão utilizados conceitos desenvolvidos por Frederick Perls e colaboradores (1994) na teoria da Gestalt, relacionada ao desenvolvimento da percepção, como *awareness*, *fronteira de contato*, *assimilação*. A teoria de Campo desenvolvida por Kurt Lewin (1965) também será contextualizada através da *pesquisa-ação* e do *espaço vital*, juntamente com o desenvolvimento da criança e conceitos de aprendizagem fundamentados por Jean Piaget (1969).

2. METODOLOGIA

2.1 Preparação da atividade: “o pré-campo”

Ao se considerar a análise realizada neste artigo, é importante destacar que a preparação para o campo de espeleologia com as crianças iniciou-se em momento bastante anterior ao segundo semestre de 2013. As crianças participantes da “Espeleomirim” possuem relação muito próxima com um espeleólogo do seu círculo de confiança, seja com algum grau de parentesco ou por amizade. A

vivência cotidiana dos adultos para atividades de campo demonstra às crianças sentimentos como satisfação, felicidade e prazer. Por esse motivo, infere-se aqui o interesse dessas crianças desperto previamente.

2.2 Atividade de campo: “a vivência da caverna”

No dia 22/09/2013, quatro crianças e respectivos responsáveis iniciaram o campo no Parque Estadual do Sumidouro – PESU, localizado no município de Lagoa Santa – MG. Participaram da atividade uma criança de quatro anos, uma de seis e duas de sete anos. O encontro se deu na sede do PESU, onde as crianças receberam as primeiras instruções, lancharam e se equiparam para iniciar a caminhada (Figuras 1 a 4).



Figura 1. Instruções passadas às crianças sobre a espeleologia.



Figura 2. Informações sobre localização do campo.



Figura 3. Hora do lanche!



Figura 4. Crianças equipadas, prontas para o campo.

Após esse momento, o grupo se dirigiu à caverna da Macumba, onde puderam observar alguns animais como mariposas, morcegos, grilos e diplópodes (Figuras 5 e 6).

As crianças se mostraram bastante animadas com a presença do morcego na caverna (Figura 7). Mais à frente, se depararam com uma ossada, possivelmente de um cachorro, e exploraram também este fato (Figura 8). Percorreram toda a extensão da caverna com muito interesse e curiosidade.

Ao finalizarem a incursão nesta cavidade, o grupo se dirigiu ao Museu da Lapinha para receber orientações básicas sobre Geologia, Arqueologia, Paleontologia e histórico da região. Para finalizar a atividade de campo, as crianças foram levadas para a Casa Fernão Dias, onde puderam vivenciar ludicamente a Paleontologia fazendo escavações de ossos enterrados em uma caixa de areia com auxílio de equipamentos fornecidos como pincel e pá (Figuras 9).



Figura 5. Caminhada em direção à caverna.



Figura 6. Entrada na caverna Macumba.



Figura 7. Observação de morcegos na caverna Macumba.



Figura 8. Exploração de ossada encontrada na caverna.



Figura 9. A caminho da escavação, materiais na mão.

2.3 Descrição pós-campo: “memórias da experiência de campo”

Após descrição da atividade de campo realizada com as crianças, foi utilizada a metodologia de relato dos adultos participantes para análise da percepção do campo. Estes adultos foram convidados a descrever, através da técnica da *livre expressão*, as lembranças da atividade “Espeleomirim”, incluindo o aproveitamento da “sua criança” no campo e o significado da atividade para si mesmo. Vale ressaltar que os relatos datam um ano e meio após a realização da atividade, e que estarão transcritos e identificados com as iniciais de cada relator. As análises serão apresentadas ao longo do artigo.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1 A Psicologia Social

A vivência deste grupo de crianças no ambiente cavernícola apresenta como diferencial a familiaridade com o tema da espeleologia devido à atividade já ser desenvolvida profissionalmente ou em caráter desportivo pelo adulto de referência da criança. A realização deste campo se tornou possível devido à disponibilidade deste grupo de espeleólogos em apresentar às crianças a realidade da espeleologia. Por esse motivo, trata-se de um grupo de crianças com inspiração prévia positiva para realização da atividade de campo. Este contexto justifica-se ao considerar esta atividade dentro da definição de Psicologia Social dada por Predvechni e SherkhoVin (1986):

“É um ramo da investigação científica surgido no limite compreendido entre a Psicologia Geral e a Sociologia. [...] Estuda os mecanismos da consciência e a conduta das comunidades sociais, dos grupos e dos indivíduos, suas relações interpessoais, o determinismo social e o papel destes mecanismos nas distintas esferas da sociedade e em diferentes situações”.

Ao se considerar esta definição, é possível inferir que a influência prévia causada nas crianças favoreceu a interação entre os envolvidos no decorrer da atividade devido à interdependência existente entre eles.

3.2 Teoria do Campo e Espaço Vital de Kurt Lewin

Kurt Lewin (1973) trouxe novos objetivos para a Psicologia Social através do conceito *pesquisa-ação*, em que a pesquisa social precisa ser desenvolvida no campo. Trata-se de um conceito criado por Kurt Lewin para descrever um novo método de pesquisa. A Psicologia não possui um objeto possível de ser observado e controlado em laboratório. O pesquisador precisa participar ativamente de sua pesquisa para coletar no âmbito real resultados de interação, além de ser capaz de provocar mudança de estrutura e de atitude no grupo que está pesquisando. A percepção é dada através da observação do comportamento de pequenos grupos, ou “*sócio grupo*”. Lewin (1973) propõe a participação ativa dos responsáveis pelo grupo, promovendo dinamismo e dialética durante toda a intervenção. Considerando a teoria desenvolvida por Lewin, pode-se compreender a importância dos espeleólogos nesta atividade de campo através da intervenção objetiva e direta junto às suas crianças.

Kurt Lewin (1973) traz um conceito importante para esta análise ao definir o *espaço vital* psicológico como “*a totalidade dos fatos que determinam o comportamento de um indivíduo em um determinado momento*”. Por sua vez, o comportamento “*inclui ação, pensamento, desejo, busca, valorização, realização ou qualquer espécie de evento mental (Lewin, 1965)*”. O *espaço vital* é psicológico por se tratar da mente do indivíduo e apresenta três princípios básicos, que são:

- Ω *Existência* psicológica dos fatos: concentra todos os fatos (conscientes ou inconscientes) que influenciam o comportamento da pessoa em determinado momento;
- Ω *Contemporaneidade*: considera que apenas os fatos (passados ou presentes) que existem naquele momento para aquela pessoa podem influenciar seu comportamento;
- Ω *Interdependência* das partes do espaço vital: a influência de um fato sobre um comportamento depende, em parte, da sua relação com outros fatos do espaço vital.

Lewin (1973) fornece argumentos teóricos para compreendermos a “preparação” que este grupo de crianças considerado neste artigo adquiriu direta ou indiretamente de seus pares. O *espaço vital* das crianças, antes da realização do campo, incluía diversos *comportamentos* relativos à caverna

trazidos por seus pares ou provenientes do próprio imaginário infantil. Como exemplo, pode-se citar o medo que as crianças em geral possuem de bichos como cobras, grandes aranhas, insetos e outros existentes em sua imaginação. A vivência do real desconstrói parte deste simbólico que representa medo. Vivenciar a caverna com seus pares de confiança possibilita a ressignificação, por exemplo, deste medo através da intervenção direta no espaço vital da criança modificando conceitos pré-existentes e trazendo novas opções de comportamento para a atualidade. O relato abaixo comprova este fato:

“Fiquei impressionada com o interesse de cada criança. O entusiasmo de brincar com o real e o faz de conta. Como na ocasião o (...) só tinha 4 anos as informações que ele tinha sobre caverna se limitavam as que ele recebia em desenhos e filmes. Apesar da única visita, sei que hoje ele já relaciona a atividade com características e medos mais reais” (AR).

Outro fato observado em campo e relatado pelos espeleólogos participantes referiu-se à animação e até mesmo empolgação das crianças com a presença de morcego na caverna. Este fato demonstra a influência dos espeleólogos sobre as crianças deste grupo, pois morcego é comumente um animal amedrontador que pertence ao imaginário das crianças desta faixa etária. Neste campo, foi possível reverter esse quadro e tornar a cena divertida para as crianças (Figura 10).



Figura 10. O morcego entregue às crianças ao final do dia como agradecimento pela participação foi muito bem recebido pelos pequenos.

3.3 Conceitos da Gestalt-terapia de Frederick Perls

Apesar de Kurt Lewin (1965) utilizar conceitos da Gestalt para desenvolver sua teoria, Frederick Perls (1994) é considerado o “pai” da

Gestalt terapia, teoria esta que se utiliza de conceitos relacionados à percepção e ao desenvolvimento humano. Por este motivo, será analisada a percepção das crianças e dos adultos participantes da “Espeleo-mirim” sob o olhar desta teoria desenvolvida por Frederick Perls e colaboradores (1994).

Para este autor, a interação entre organismo e meio é fundamental para qualquer investigação. A perspectiva da Gestalt-terapia é de ampliar momentos de *awareness* no indivíduo, sendo *awareness* um conceito sem tradução para o português definido como “*uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético*” (YONTEF apud PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1994).

O contato com a caverna para os espeleólogos é um momento *awareness* segundo a descrição dada por Yontef, um momento de inteiro contato com o ambiente. A vivência de *awareness* (*consciência*) na caverna, ocorrida repetidas vezes em diversos momentos por cada espeleólogo, pode ser o grande fator motivador para o empenho e vontade de realização da “Espeleo-mirim”. O ser humano “saudável”, naturalmente e instintivamente busca proporcionar maior quantidade possível de momentos de *awareness* a pessoas queridas que estejam ao seu redor (Figuras 11 e 12).



Figura 11. Expressão de interesse, curiosidade e satisfação.

O conceito de *awareness* está muito próximo do conceito de *fronteira de contato*. Pode-se dizer que “*experiência é essencialmente contato, o funcionar da fronteira entre organismo e seu ambiente. Toda função humana é um interagir num campo organismo/ambiente, sociocultural, animal e físico.*” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN,

1994). O objeto de estudo da Psicologia é difícil de ser definido, pois se localiza na fronteira de contato, “*onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, ao mesmo tempo que contata o ambiente.*”



Figura 12. Expressão de interesse na informação repassada.

O organismo busca *assimilação* do novo através da mudança e do crescimento. A partir da definição destes conceitos, pode-se compreender que a atividade “Espeleo-mirim” interferiu na *fronteira de contato* das crianças com a caverna, promovendo *assimilação* do novo com mudança e crescimento e ampliando a possibilidade de *awareness* através da presença e interferência de seus pares de confiança (Figuras 13 e 14).



Figura 13. Exploração da caverna com atenção exclusiva sob orientação de pares de confiança.

Através da busca de crescimento com presença de fatores positivos para a criança, torna-se possível planejar uma ação com maior eficácia, segundo a teoria da percepção de Perls, Hefferlie e Goodman (1994).



Figura 14. Compreensão e esclarecimento de dúvidas a cada passo dentro da caverna.



Figura 15. Escavação lúdica na Casa Fernão Dias – realidade material para construir um mundo simbólico.

3.4 Desenvolvimento infantil de Jean Piaget

Piaget (1969) é o terceiro teórico utilizado neste artigo que ressalta mais uma vez em suas pesquisas a importância da interação do organismo com o meio em que vive. Porém, volta-se para a educação e traz contribuições interessantes para se pensar a prática espeleológica voltada para esta área no sentido de trazer experiências que promovam conhecimento. Piaget (1969) concluiu que a inteligência é construída pela criança na relação que possui com o objeto, ou seja, a partir de uma complexa rede de multideterminações desta relação surge a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Portanto, interferir diretamente nesta rede significa poder influenciar diretamente na aprendizagem da criança. Piaget, sendo biólogo, buscou traçar uma linha de evolução cognitiva da criança desde o nascimento até atingir a fase adulta.

Piaget, portanto, desenvolve sua teoria caracterizando o desenvolvimento infantil por fases relacionadas a faixas de idade. As crianças que participaram da “Espeleo-mirim” encontram-se no período pré-operatório ou simbólico (dois a sete anos de idade). Nesta fase,

a criança descobre que a realidade pode ser imaginada construindo um mundo simbólico, destacado da realidade material. Entretanto, seu poder de abstração é limitado não permitindo que se coloque no ponto de vista do outro, pois ainda está presa a experiência física imediata (SILVA, 2010).

A contribuição de Piaget (1969) para a “Espeleo-mirim” relaciona-se ao fato de permitir programar atividades coerentes com a capacidade cognitiva de cada grupo (Figuras 15 e 16).



Figura 16. Descoberta de materiais enterrados na caixa e areia – atividade coerente com a faixa de idade presente.

Ao se compreender o estágio cognitivo do grupo de crianças ao qual se pretende trabalhar, através da teoria construtivista, o papel do professor ou do coordenador da atividade restringe-se a elaborar atividades compatíveis e permitir que a criança se desenvolva. “É evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança” (SILVA, 2010).

Piaget (1969) aprofunda no processo de aprendizagem desenvolvendo os conceitos de *assimilação* e de *acomodação*:

“a *assimilação* consiste na tentativa do indivíduo em solucionar uma determinada situação a partir da estrutura cognitiva que ele possui naquele momento específico da sua existência. Representa um processo contínuo na medida em que o indivíduo está em constante atividade de interpretação da

realidade que o rodeia e, conseqüentemente, tendo que se adaptar a ela. Como o processo de assimilação representa sempre uma tentativa de integração de aspectos experienciais aos esquemas previamente estruturados, ao entrar em contato com o objeto do conhecimento o indivíduo busca retirar dele as informações que lhe interessam deixando outras que não lhe são tão importantes visando sempre a restabelecer a equilíbrio do organismo. A **acomodação**, por sua vez, consiste na capacidade de modificação da estrutura mental antiga para dar conta de dominar um novo objeto do conhecimento. Quer dizer, a acomodação representa "o momento da ação do objeto sobre o sujeito" (Freitas, op.cit.:65) emergindo, portanto, como o elemento complementar das interações sujeito-objeto. Em síntese, toda experiência é **assimilada** a uma estrutura de ideias já existentes (esquemas) podendo provocar uma transformação nesses esquemas, ou seja, gerando um processo de **acomodação**. Como observa Rappaport (1981:56), os processos de assimilação e acomodação são complementares e acham-se presentes durante toda a vida do indivíduo e permitem um estado de adaptação intelectual (...) É muito difícil, se não impossível, imaginar uma situação em que possa ocorrer assimilação sem acomodação, pois dificilmente um objeto é igual a outro já conhecido, ou uma situação é exatamente igual a outra." (Terra).

O universo cavernícola vivenciado na "Espeleo-mirim" provocou assimilações e acomodações em crianças e em espeleólogos. A atividade mostrou-se rica e apresentou novidades aos participantes, como pode ser verificado no relato: "Em 5 anos de espeleologia e 2 anos de Guano posso dizer sem receio que essa foi a atividade espeleológica mais interessante que presenciei" (AR).

A elaboração de atividades em caverna voltadas para a aprendizagem pode se utilizar destes conceitos para avaliar se o objetivo foi alcançado e de que forma (acomodado ou apenas assimilado).

3.5 Resultados Da "Espeleo-Mirim"

A atividade "Espeleo-mirim", experienciada por adultos e crianças, apresentou resultados positivos para ambos. Os adultos, espeleólogos,

demonstraram grande interesse na atividade porque puderam apresentar às suas crianças a caverna sob o viés e interesse da espeleologia. Isso pode ser comprovado com os relatos de espeleólogos participantes: "o evento ocorreu dentro do PESU (parque importante de preservação das cavidades, fauna e flora do entorno). Fico orgulhoso de passar isto para minha filha porque só valoriza quem conhece e convive" (VT); ou ainda ressalta o significado da atividade:

"apesar de minha filha já possuir sete anos, eu nunca a havia levado à caverna, pois receava que ela não gostasse da espeleologia, que é muito importante para mim. Vê-la interessada em tudo que falamos e mostramos às crianças foi muito especial. Eu pude pensar que, em dias de lazer, dias que estaremos juntos, terei a companhia de minha filha na caverna" (SCM).

Outro membro participante (VT) relatou que sua filha sempre pergunta quando ocorrerá novamente a "Espeleo-mirim", demonstrando que, mesmo tendo transcorrido pouco mais de um ano e meio, a atividade permanece ativa e ainda desejada pela criança.

Alguns membros ressaltaram a importância que possui um grupo de espeleologia ao transmitir para as crianças de forma geral a necessidade de preservar o patrimônio espeleológico, como por exemplo, citado nesse relato: "O evento foi muito bacana e, além de preparar essa galerinha para atividades futuras dentro da espeleologia, educa e ensina a respeitar nosso patrimônio" (VT). Este outro relato inclui os conceitos de sensibilização ambiental e inclusão:

"Acredito que a sensibilização ambiental é melhor desenvolvida com o público infantil, desta forma a inclusão de atividades para esse público devem ser desenvolvidas afim de aproximar as crianças da Espeleologia. Espero poder participar de outras atividades voltadas para o público infantil e acompanhar o desenvolvimento desses pequenos espeleólogos até que se tornarem grandes defensores da espeleologia" (AR).

A pesquisa-ação desenvolvida por Lewin (1973) é bastante relevante no planejamento de ações de conscientização de crianças para a espeleologia, pois representa a oportunidade de cientistas conduzirem a atitude do grupo em relação ao que se espera de preservação do patrimônio espeleológico (Figura 17 e 18).



Figura 17. As crianças participantes integradas no ambiente cavernícola.



Figura 18. Grupo responsável pela “Espeleo-mirim” – aprendizagem em campo e *pesquisa-ação*.

A “Espeleo-mirim” apresentou a relevância desta atividade aos espeleólogos participantes e também aos demais membros do grupo de espeleologia, destacando a necessidade de promover ações de conscientização ambiental e conservação do patrimônio espeleológico. Porém, a análise realizada neste artigo sob o viés da Psicologia sugere caminhos para ampliar o alcance dos objetivos traçados para atividades como esta, como maior preparação dos envolvidos aumentando a quantidade de participantes.

4. CONCLUSÕES

A conclusão a que se chega após discussão e apresentação dos resultados sobre a atividade “Espeleo-mirim” é que o caminho está traçado, provocou mudanças em todos os envolvidos e merece maior atenção para que seja mais bem lapidado.

O investimento educacional sobre o público infantil deve ser ampliado para se alcançar o

objetivo maior de promover conscientização ambiental e conservação do patrimônio espeleológico. Porém, esta não é uma ação simples. Por isso, intervenções futuras devem ser planejadas com cautela considerando o objetivo que se almeja alcançar para que possa ampliar as chances de sucesso da ação.

Em atividades deste porte, a Psicologia traz inúmeras contribuições capazes de otimizar o aproveitamento das crianças na atividade, porém neste artigo, optou-se por trazer conceitos relacionados principalmente à percepção e ao desenvolvimento infantil para contextualizar a atividade realizada pelo grupo de espeleologia e incitar discussão sobre o planejamento de intervenções.

A atividade “Espeleo-mirim”, no formato realizado e apresentado nesse artigo, trouxe também a contribuição sobre a importância de motivação constante de guias de parque e professores em geral responsáveis por apresentar o tema às crianças. Uma liderança consciente, motivada e crédula de seu trabalho torna-se capaz de adentrar no espaço vital do público que recebe e modificar conceitos pré-existentes, sendo capaz de deixar sua mensagem de forma permanente.

Essa conclusão se estende a todo e qualquer grupo de trabalho que possui objetivo de provocar qualquer tipo de mudança de comportamento. A linguagem utilizada para convencimento deve ser adaptada a cada público, mas o convencimento necessário pode e deve ser alcançado através da utilização de estratégias adequadas (Figura 19).



Figura 19. Registro do encerramento da 1ª “Espeleo-mirim” realizada pelo *Guano Speleo*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos os espeleólogos que direta ou indiretamente trabalharam para promover esta atividade tão rica como é de costume de todo o grupo. Aline Reis, Ednilson Fernandes, Mariane Ribeiro e Vinícius Tostes pela colaboração na produção do artigo. Juliana Eugênio pelo registro fotográfico. Agradeço

a oportunidade de participar do *GUANO SPELEO*, especialmente ao Salomão por, entre tantas outras coisas, ter me apresentado um mundo novo cheio de cavidades e, por fim, agradeço a todas as crianças que participaram ativamente com toda pureza e transparência da “Espeleo-mirim”.

REFERÊNCIAS

- COSTA, L. D. **O que os jogos de entretenimento têm que os jogos com fins pedagógicos não têm.** Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11728/11728_4.PDF>. Acesso em 11 mai 2015.
- LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.
- LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social.** São Paulo: Ed. Pioneira, 1965.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Ed. Summus, 1994.
- PIAGET, J.. **Psicologia e pedagogia.** São Paulo. Ed. Forense universitária, 1969.
- PREDVECHNI, G.P. e SHERKOVIN, Yu. A. **Psicologia social.** La Rabana. Editora Política, 1986.
- RAMALHO, C. M. R.. **Psicodrama e dinâmica de grupo** – Aracajú, 2010. Disponível em: <<http://www.joinville.ifsc.edu.br/~heverton.pedri/tcc/psicodrama%20e%20dinamica%20de%20grupo.pdf>>. Acesso em: 28 abr 2015.
- RIBEIRO, M. L., JUTRAS, F., LOUIS, R.. **Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100003&script=sci_arttext>. Acesso em 15/05/2015.
- SILVA, D. F.. **As contribuições das teorias de Piaget e Vygotsky para a área da educação.** Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCMQFjAA&url=http%3A%2F%2Fava.grupouninter.com.br%2Fclaroline176%2Fcourses%2FU2825D6287%2Fwork%2Fassig_2%2FTrabalho_arumar_21.02-1Derli_1.doc&ei=WNdTVduqKlrjsATXhICICQ&usg=AFQjCNHxofHiHCBoZpnMZ_VIMt0i03yE5w&sig2=FfHzhVb5qLCj-fWqVF0f4Q>. Acesso em 28 abr 2015.
- TERRA, M. R. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget.** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em 11 mai 2015.